

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

PRIMEIRA ESTIMATIVA DA SAFRA VERÃO 2020/21

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

O 1º Levantamento da Safra de Verão 2020/21 do Departamento de Economia Rural (Deral) aponta uma área total a ser plantada de 6,06 milhões de hectares. Haverá um pequeno aumento de aproximadamente 1%, em comparação com o ciclo anterior, quando foram cultivados 5,99 milhões de hectares.

O Paraná deverá produzir em torno de 24,3 milhões de toneladas de grãos nesta safra. Esse volume é levemente inferior ao total obtido na safra 2019/20, quando foram colhidas 24,7 milhões de toneladas.

As culturas da soja e do milho terão aumentos em suas áreas plantadas, enquanto a do feijão apresentará redução. Os bons preços obtidos, tanto para a soja quanto para o milho, influenciaram os produtores nestas tomadas de decisões.

Estas três culturas somadas representam quase a totalidade da área de grãos na primeira safra. A soja, com 5,53 milhões de hectares ou 91% da área total; o milho, com 358,6 mil hectares ou 6% do total; e o feijão, com uma área de 149,6 mil hectares, que representa 2% do total.

CAFÉ

**Economista Paulo S. Franzini*

A colheita da safra brasileira de café está na reta final e atinge mais de 85% nas principais regiões produtoras. As medidas de prevenção contra a COVID-19, que geraram certa restrição à circulação das pessoas, não impactaram de forma significativa os trabalhos no campo. Segundo a Conab e o IBGE, a estimativa para a produção nacional em 2020 varia

de 58 a 62 milhões de sacas beneficiadas de 60kg, aumento de cerca de 25% em relação ao volume produzido na safra passada.

Este aumento se deve principalmente ao ciclo de bialidade positiva na maior parte das regiões produtoras. As exportações brasileiras continuam em bom ritmo: de janeiro a julho deste ano atingiram o equivalente a 22,9 milhões de sacas de 60kg, com uma receita cambial de US\$ 3 bilhões.

No Paraná, segundo o último levantamento de campo do DERAL, o percentual colhido atingiu 98% e a safra encontra-se praticamente finalizada. O clima seco e quente predominante durante parte de junho, todo o mês de julho e que se estendeu até a primeira dezena de agosto, colaborou para o avanço dos trabalhos, favorecendo o manejo de preparo, a secagem dos lotes e contribuindo para preservar a boa qualidade da bebida.

A evolução mensal da colheita este ano ficou assim distribuída: 27% em maio, 28% em junho, 31% em julho e 14% em agosto. O mesmo levantamento do DERAL prevê a produção de 56.507 toneladas, equivalente a 941 mil sacas beneficiadas de 60kg, numa área produtiva de 35.556 hectares.

A comercialização segue ainda em ritmo lento: estima-se que 36% da nova safra foi vendida pelos produtores. Esse percentual está um pouco acima dos 32% a 33% comercializados no mesmo período das safras 2019 e 2018, respectivamente. Embora os atuais preços estejam melhores que os verificados nos dois últimos anos, ainda não cobre o custo de produção com margem de lucro satisfatória, e por isso a venda ocorre apenas para suprir as despesas imediatas.

O levantamento mensal do DERAL, referente ao preço médio recebido pelos produtores

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

paranaenses, aponta que o valor médio deste mês ficará próximo dos R\$ 492,00 por saca de 60kg. Nos primeiros sete meses de 2020, a média foi de R\$ 460,64, o que representa um preço médio 18,9% acima do praticado em 2019 e 13,1% melhor que o de 2018, que ficou em R\$ 407,30 por saca. Vale ressaltar que os preços do café para o produtor continuam baixos em comparação com os custos de produção aferidos dos últimos anos.

No sentido de melhorar a renda com a atividade, os cafeicultores estão investindo cada vez mais em mecanização, principalmente na colheita, e em tecnologia para consolidar o aumento da produtividade média das lavouras. Por outro lado, a capacitação tem sido fundamental para melhorar a gestão da atividade, visando ao aumento da produção de cafés especiais e a melhor comercialização da safra.

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Com as condições climáticas restabelecidas devido ao retorno das chuvas, os agricultores dos Núcleos Regionais de Francisco Beltrão, Guarapuava, Ivaiporã, Jacarezinho e Ponta Grossa iniciaram o plantio do feijão das águas.

Cerca de 2% dos 149 mil hectares previstos foram semeados, e o setor projeta um volume para a safra em torno de 302 mil toneladas. Grande parte da produção da leguminosa está situada nas regiões de Curitiba, Ponta Grossa, Irati, Guarapuava e União da Vitória, perfazendo um total de 85% do total a ser produzido.

De acordo com o DERAL/SEAB, os valores recebidos pelos agricultores para o feijão classe cores estão em torno de R\$ 190,75, e o classe preto,

R\$ 228,04. Estimativas do Deral indicam que o custo variável por saca de feijão produzido é de R\$ 71,36, e o custo total, R\$ 117,89. Insumos como agrotóxicos, fertilizantes e sementes são os itens que impactam em 46% do custo total da produção de feijão.

No documento Perspectivas para a Agropecuária Safra 2020/21, edição grãos - Conab, a projeção para as três safras brasileiras indica estabilidade na área produtiva em torno de 2,9 milhões de hectares, e produção de 3 milhões de toneladas, o que representa 4,4% menos do que a anterior.

FRUTICULTURA - MORANGO

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

A fruticultura do Paraná em 2019 movimentou um Valor Bruto da Produção – VBP preliminar - de R\$ 1,6 bilhão. Esta previsão indica ainda uma área cultivada de 55,7 mil ha e colheita de 1,4 milhão de toneladas.

O morango, com 904 hectares de canteiros e estufas, proporcionou 32,9 mil toneladas de frutos, gerando uma massa financeira de R\$ 205,7 milhões. É a terceira fruta em movimentação de capital na fruticultura do Estado e tem uma participação de 12,5% no total do VBP do setor.

A área cultivada e a produção tiveram um acréscimo de 5% e 8,9%, respectivamente, ao ano anterior. Já o Valor Bruto nominal, fomentado pela maior valorização dos frutos em 2019, evoluiu positivamente em 21,7%.

Quando se observa a dinâmica da atividade desde 2010, o destaque é para o incremento de 69% em relação à área, de 128,3% nas colheitas e 238,3% no VBP nominal. É também percebido pela

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

amplitude da participação que tem o cultivo do morango frente a fruticultura, pois eram 535 hectares cultivados, produção de 14,3 mil toneladas e VBP de R\$ 99,4 milhões.

Os Núcleos Regionais da SEAB de Curitiba, Jacarezinho e Ponta Grossa participaram com 43,7%, 21,7% e 12%, pela ordem, do VBP do setor, e juntos concentraram 77,4% da produção do Estado no ano passado.

Os municípios de Araucária (15,1%), Jaboti (12,2%), São José dos Pinhais (11%) e Piraí do Sul (10,4%), responderam juntos por 48,7% do montante. A cultura esteve presente em 239 municípios além dos citados acima, enquanto no ano de 2018 foi detectada em 178 deles, demonstrando, em tese, a busca em diversificar a atividade rural.

Em 2019, nas Centrais de Abastecimento do Paraná – CEASA/PR, foram comercializadas 7,3 mil toneladas de morango a um preço médio de R\$ 8,19 o quilo, culminando em uma movimentação financeira de R\$ 59,4 milhões. O Paraná contribuiu com 72,5% desta oferta e Minas Gerais, 16,3%. Jaboti, São José dos Pinhais e Araucária forneceram 3,9 mil toneladas e responderam por 54% dos volumes transacionados.

Os sucessivos eventos climáticos do ano em curso, estiagem, chuva e geadas, contribuíram para um acréscimo de 31,4% nos preços mais comuns praticados nesta semana na praça de Curitiba, em relação à anterior, quando a bandeja de 1,5Kg foi comercializada por R\$ 13,70, e hoje foi cotada a R\$ 18,00.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Em função das contínuas chuvas ocorridas na semana de 17 a 21 de agosto, os trabalhos de campo foram totalmente interrompidos. Efetivamente, as condições climáticas não permitiram nenhuma atividade ligada ao plantio, preparo de solo e, principalmente, à colheita, pelo fato de os caminhões não poderem retirar a mandioca das lavouras.

Além das chuvas durante esses dias, também ocorreu a geada considerada a mais forte deste inverno.

Segundo os produtores, a mandioca colhida durante o mês de agosto é de um ciclo. No final do ano serão colhidas as lavouras podadas até o final de julho.

A oferta de mandioca para abastecer o parque industrial de fécula e de farinha será suficiente para a industrialização até o final de ano. Para a presente safra de 2020, continua a expectativa de uma produção de 3,4 milhões de toneladas de mandioca em raiz, o que representará um aumento de 9,7% em relação à safra de 2018/19 quando foram produzidas 3,1 milhões de toneladas em nosso Estado.

Continuam baixos os preços recebidos pelos produtores pela terceira semana consecutiva. O mesmo comportamento se aplica aos produtos industrializados no atacado e no varejo. Na semana anterior, de 17 a 21 de agosto, o produtor recebeu a média de R\$ 341,00/t de raiz posta na indústria. A fécula foi comercializada a R\$ 54,65/sc de 25 kg, com alta de 4% comparado à semana anterior, e a farinha, por R\$ 75,00/sc de 50 kg, sem apresentar variação no período considerado.

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Neste final de agosto começam os trabalhos de plantio da primeira safra de milho 2020/21. Na primeira estimativa de área, a expectativa é que sejam plantados 359 mil hectares, ligeiramente maior que a da safra anterior, de 356 mil hectares. Já a expectativa de produção é de 3,4 milhões de toneladas, uma redução de 3% comparativamente à safra 19/2020. Nesta semana o plantio atinge 1% da área e deve ter aumento significativo, em condições climáticas normais, durante setembro.

Em relação à segunda safra de milho 19/20, a colheita avançou e chegou a 67% de uma área total de 2,3 milhões de hectares. A produção total esperada é de 11,7 milhões de toneladas, uma redução de 10% quando comparado ao potencial produtivo inicial. Com o avanço da colheita no Estado, a comercialização do cereal atingiu 59% da produção esperada.

Já os preços praticados no mercado são históricos. Mesmo em plena safra, o preço recebido pelo produtor pela saca de 60 kg, na semana, foi superior a R\$ 46,00. O preço médio no ano de 2020 é maior que R\$ 40,00 a saca, apresentando uma alta de 37% quando comparado à média de todo o ano de 2019.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

O Departamento de Economia Rural divulgou a primeira estimativa de intenção de plantio de soja para a safra 2020/21. As primeiras informações de campo mostram um leve incremento na área destinada à cultura da soja no Paraná. Segundo os técnicos de campo do DERAL, serão semeados

aproximadamente 5,53 milhões de hectares na safra 2020/21. Em comparação com o ciclo anterior, o aumento é de 1,2% ou pouco mais de 65 mil hectares.

Se confirmada, essa será a maior área já destinada para a cultura no Estado. A produção estimada é de 20,38 milhões de toneladas, cerca de 1,4% inferior aos 20,66 milhões de toneladas colhidas na safra 2019/20. A expectativa de uma produção menor se explica pelo fato de que, no ciclo anterior (2019/20), a produção obtida ficou acima daquela esperada pelos técnicos que acompanham a cultura. Dentro de uma normalidade climática, a produção deve ficar próxima dos valores médios obtidos na série histórica do Estado.

Os bons preços obtidos na safra 2019/20 foram determinantes para o produtor seguir aumentando a área de cultivo no Paraná. O preço médio mensal recebido pelo produtor paranaense, no período de janeiro a agosto de 2020, foi de aproximadamente R\$ 90,00. Uma diferença superior a 32% em relação ao mesmo período de 2019, quando o preço médio da saca foi de R\$ 68,00.

Se a área total de 5,53 milhões de hectares de soja for confirmada, será correspondente a 91,2% do total da área destinada à safra de verão 2020/21 que é de aproximadamente 6,06 milhões de hectares.

O plantio de soja estará liberado a partir de 11 de setembro pela Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), seguindo as recomendações técnicas do Zoneamento Agrícola de Risco Climático, publicado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo W. Godinho*

As condições atuais das lavouras de trigo paranaenses são 73% boas, 20% médias e 7% ruins, ante 83%, 15% e 2%, respectivamente, na semana anterior. Essa deterioração foi causada não só pelas geadas, mas também pela seca e pelo excesso de dias chuvosos que a interrompeu. Há diferentes situações conforme a época de plantio e a região do Estado.

A região Sudoeste terá as maiores perdas, mas alguns municípios no Oeste e no Centro-Sul também devem registrar problemas em relação às geadas. No Norte, que escapou totalmente de problemas de frio excessivo, a falta de chuvas deve reduzir a produtividade, bem como acamamento, doenças e granizo de forma mais pontual. No Sul e Centro-Sul, as lavouras foram mais beneficiadas do que prejudicadas pela entrada da frente fria, devido à recomposição da umidade no solo.

No cômputo geral, é dada como certa a perda de aproximadamente 200 mil toneladas no Estado, o que corresponde a 5% do potencial produtivo de 3,7 milhões de toneladas, trazendo a estimativa de agosto para 3,47 milhões de toneladas. Apesar de decepcionante frente à boa condição da cultura há 20 dias, caso se consiga produzir mais de 3 milhões de toneladas, pode-se considerar um resultado bom frente a tantas dificuldades impostas à triticultura neste mês de agosto.

Apenas a safra de 2016 apresentou uma produtividade acima de 3.000 kg/ha até hoje no Estado, sendo que, entre 2017 e 2019, os danos climáticos fizeram os rendimentos ficarem abaixo de 2.600 kg/ha.

Ainda há muitas incertezas quanto ao resultado final, tanto pelos danos das geadas não estarem totalmente visíveis, bem como devido ao período relativamente longo que as lavouras mais tardias ainda estarão expostas a campo. O panorama de oferta só estará mais claro no levantamento de setembro.

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Os três principais produtos da olericultura estão na fase de implantação a campo pelos agricultores no Paraná.

A batata 1ª safra, que apresenta 28% da área total semeada, é cultivada principalmente na região Sul. A área total estimada é de 15.912 hectares e o potencial produtivo da cultura é de 477.109 toneladas.

Com 100% da área plantada, o cultivo da cebola está distribuído em várias regiões. O Núcleo Regional de Curitiba representa 56% da área produtiva estadual. A área total a ser cultivada nesta safra é de 4.325 hectares, e o volume a ser colhido pelos produtores pode chegar a 117.419 toneladas.

O tomate 1ª safra apresenta até este momento 8% da área total semeada. A área estimada do fruto é de 2.238 hectares, e o volume esperado na safra deve chegar a 137 mil toneladas.

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

PECUÁRIA DE LEITE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Leite - Importância para a saúde humana

O leite é um alimento extremamente consumido, seja “in natura” fluído, ou na forma de derivados lácteos. É um produto rico em proteínas, cálcio e zinco, sendo o principal motivo para que as gestantes consumam leite e derivados. A proteína láctea é conhecida por seu alto valor biológico e, por isso, é uma ótima fonte de aminoácidos essenciais, necessários para a síntese proteica nos tecidos fetais e maternos.

O cálcio, cujos lácteos são as melhores fontes naturais, é um nutriente essencial para o crescimento ósseo fetal, principalmente durante a segunda metade da gestação, período em que o feto incorpora, por meio da placenta, entre 200 a 350 miligramas de cálcio por dia.

Já o zinco, é um nutriente chave nos processos de divisão celular, metabolismo hormonal, síntese proteica e função imunológica, sendo, portanto, crítico durante o desenvolvimento fetal. O consumo materno de lácteos contribui para suprir as necessidades nutricionais de zinco durante a gravidez.

Além dos benefícios nutricionais, o consumo de lácteos é capaz de reduzir a ocorrência de depressão pós-parto. Este foi o resultado de um grande trabalho de pesquisa conduzido no Japão e publicado no periódico *Nutrition Research*.

Fonte de Cálcio

Embora existam outras fontes naturais de cálcio, como as verduras verde-escuras, o leite é a melhor. Isso se deve à biodisponibilidade, que indica quanto do cálcio consumido é, de fato, absorvido pelo

organismo. Enquanto as verduras contêm taninos, oxalatos e fitatos, que reduzem a absorção intestinal de cálcio e sua disponibilidade, os lácteos contêm proteínas e outros compostos que facilitam o processo.

Para exemplificar, vamos usar o brócolis, que contém teores elevados de cálcio, mas baixa biodisponibilidade. São necessários 2,04kg de brócolis, para substituir 3 copos de leite ou porções de lácteos.

Gordura do Bem

Pesquisas recentes mostraram que os médicos que condenavam o consumo de lácteos e carnes, por causa dos níveis de colesterol, estavam errados. É verdade que a gordura saturada aumenta os níveis de colesterol LDL, que estão associados a maiores taxas de doenças cardíacas, mas a gordura saturada de origem animal também aumenta os níveis do chamado bom colesterol, HDL. Ele remove o LDL, que pode se acumular nas paredes arteriais. Aumentar tanto o HDL quanto o LDL faz da gordura saturada um “lava-jato cardíaco”.

Além disso, cientistas agora sabem que há dois tipos de partículas de LDL: algumas são pequenas e densas e outras são grandes e esponjosas. As grandes parecem ser, em sua maioria, inofensivas, e são elas que aumentam com a ingestão de gordura saturada. Por outro lado, a ingestão de carboidratos parece aumentar as partículas pequenas, que parecem estar ligadas a doenças cardíacas, por se aderirem às paredes das artérias.

Fonte: *Nutrition Research*, Volume 36, Issue 9, Pages 907–913.

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

AVICULTURA DE POSTURA

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Preços ao Produtor

- 1,24% na semana (17 a 21/8): o preço médio de R\$ 86,22/caixa de 30 dúzias (tipo grande), 1,24% menor que o vigente na semana anterior. Fraca demanda e maior oferta de ovos.

+ 7,8 no mês: De janeiro a julho de 2020 o preço cresceu 10,1%, chegando a R\$ 87,92/ caixa de 30 dúzias. Já em relação ao mês anterior, a alta foi de 7,8%.

+ 15,9% no ano: Considerando julho de 2019, o preço do ovo tipo grande ficou 15,9% maior (R\$ 87,92/ caixa de 30 dúzias).

Preços no Atacado

- 2,75% na semana (17 a 21/8): preço médio de R\$ 89,66/caixa de 30 dúzias, 2,75% menor em relação à semana anterior e 2,17% menor que o preço médio de julho de 2020 (R\$ 91,65/caixa de 30 dúzias).

+ 9% no mês: De janeiro a julho de 2020, o preço cresceu 11,3%. De junho para julho, a alta foi de 9%.

+ 12% no ano: Considerando julho de 2020 em relação há um ano, o preço cresceu 12%.

Preços no Varejo

- 9,75% na semana (17 a 21/8): Queda de 9,75% sobre o preço médio de julho de 2020 (R\$ 5,57/ dúzia), chegando a R\$ 5,03/dúzia.

+ 1,5% no mês: De janeiro a julho de 2020, o preço cresceu 10,9%, partindo de R\$ 5,02/dúzia e chegando a R\$ 5,57/dúzia. De junho para julho, a alta foi de 1,5%.

+ 21% no ano: Em relação a julho de 2019, o preço cresceu 21%. Há um ano, o preço médio era de R\$ 4,60/dúzia.

Referência: SEAB/DERAL/DEB - Paraná

Paraná destaca-se na produção de ovos de galinhas

Segundo o IBGE (Pesquisa Trimestral de Ovos), a produção brasileira de ovos atingiu 46 bilhões de unidades em 2019 (3,834 bilhões de dúzias), número superior em 6,2% à produção de 2018 (3,607 bilhões de dúzias / 43,3 bilhões de unidades).

O Paraná, em 2019, colocou-se na posição de 4º maior produtor nacional, com produção de 348,459 milhões de dúzias (4,18 bilhões de unidades).

É antecedido por São Paulo (1,11 bilhão de dúzias / 13,33 bilhões de unidades), Espírito Santo (362,166 milhões de dúzias / 4,35 bilhões de unidades) e Minas Gerais (357,952 milhões de dúzias / 4,30 bilhões de unidades), respectivamente primeiro, segundo e terceiro produtores nacionais de ovos comerciais / industriais / férteis.

Produção de ovos de galinha cresce quase 3% em relação ao 1º semestre de 2019

Segundo dados preliminares do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em 14/8, a produção de ovos de galinha foi de 965,412 milhões de dúzias no 2º trimestre de 2020, aumento de 1,9% em relação ao mesmo trimestre de 2019 (947,765 milhões de dúzias) e estabilidade frente a produção do 1º trimestre de 2020 (965,106 milhões de dúzias).

O volume acumulado de janeiro a julho de 2020 (1º semestre) foi de 1,931 bilhão de dúzias de

Boletim Semanal* – 17/2020 – 28 de agosto de 2020

ovos de galinhas, montante superior em quase 3% ao registrado nos mesmos seis meses de 2019 (1,877 bilhão de dúzias).

Os dados consolidados ainda serão divulgados. Acrescente-se que a produção de ovos levantada pelo IBGE (Pesquisa Trimestral de Ovos) abrange não apenas o produto de consumo humano, mas também os ovos destinados à incubação, os quais, nos últimos trimestres, têm correspondido a perto de 20% da produção total.

Em julho os embarques de ovos comerciais decresceram 70,83%

Segundo o Avisite, com base em dados da Comex Stat/MDIC, as exportações de ovos comerciais in natura (com casca), volume acumulado nos primeiros sete meses, alcançou apenas 16,443 milhões de unidades, representando 70,83% de redução em relação ao mesmo período do ano passado (56,367 milhões de unidades). Tal realidade adversa é atribuída às dificuldades dos embarques, devido ao enfrentamento ao coronavírus (Sars-Cov-2).

Em julho do ano corrente, o total embarcado alcançou apenas 682.200 ovos, apresentando índices negativos de 51,21% em relação ao mês anterior (1.398.240 unidades) e de 80,24% em comparação ao exportado no mesmo período do ano passado (3.452.400 unidades).

Os países destinos de ovos comerciais exportados no período de janeiro a julho de 2020 foram (milhões de unidades): Emirados Árabes Unidos (10.640 / 64,7%), Hong Kong (1.869 / 11,4%) e Chile (4,2%), responsáveis por 80,3% dessas importações.

Os demais países importadores, que completam o grupo dos 10 maiores, com

representatividade de 96% sobre o total, são: Venezuela, Paraguai, Panamá, Ilhas Marshal, Libéria, Malta e Cingapura.

Acrescente-se que o país ainda tem pouca tradição na exportação de ovos comerciais, mas trabalha para mudar tal realidade, sendo que o mercado interno consome a totalidade da produção nacional de ovos, seja na forma in natura (domicílios, lanchonetes, restaurantes e merenda escolar) ou na indústria de alimentos em geral (pães, doces, bolachas, macarrões, etc.)